EDITORIAL

Carla Milani Damião*

A proposta deste dossiê é ultrapassar uma relação meramente multidisciplinar entre Estética e Arqueologia, visando estabelecer canais de troca e maneiras particulares de vivenciar grafismos rupestres, experiências individuais e coletivas com tais materialidades e fazeres a partir de convergências, sobreposições, justaposições e temporalidades específicas destes campos. Esse diálogo parte de duas experiências curatoriais: *Pedras Pintadas* no Centro Cultural UFG em Goiás, 2024 e *Grafismos na Pedra: as artes rupestres brasileiras* no Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG, 2024/2025, em Minas Gerais.

Da Filosofia e da Estética recolhemos muitas metáforas de teor metodológico que recorrem à Arqueologia e suas interfaces com a Paleontologia (Merleau-Ponty, *O visível e o invisível*, 2003) ou a Geologia (Benjamin, "Nápoles", 2023; "Escavar e recordar", 2017). Métodos que requerem voltar ao tempo histórico em profundidade, gerando imagens que se aproximam de práticas de escavação, da materialidade e da corporeidade. Ao tomarem a Arqueologia como modelo, filósofos e estetas afastam-se das categorias e modelos artísticos que condicionam teorias estéticas normativas e aproximam-se da qualidade do estético que permeia nosso cotidiano através dos tempos e lugares. Das categorias normativas das estéticas modernas submetidas a severas críticas, tendo em vista seus valores e juízos etnocêntricos europeus (McDonald and Veth, 2012), poucas permanecem nessa nova perspectiva, entre as quais a certeza de que a "percepção" (*aisthesis*) é um termo comum e de profundo enraizamento nas pesquisas de uma área e da outra.

Da Arqueologia, em suas interfaces com a Antropologia, Etnologia e História, trazemos expectativas acerca da forma, tão tradicionalmente consideradas a partir de categorias étnico-culturais ou estilísticas. Vislumbramos aspectos outros, parcamente abordados, porém francamente presentes na vida cotidiana de pesquisadores e suas pesquisas. Trata-se de uma expansão de perspectivas dadas como possíveis no estudo de imagens rupestres, a partir, por exemplo, da ênfase no processo, na performance, no

* Carla Milani Damião é graduada, mestre e doutora em Filosofia pela PUC-SP e pela Unicamp, com formação doutoral na Universidade Livre de Berlim. Realizou dois pós-doutorados, na Universidade de Amsterdã, nos Países Baixos, e na Universidade de Pádua, na Itália. É bacharel em Arqueologia pela PUC Goiás e doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Atualmente, é professora titular da Faculdade de Filosofia (FAFIL) da Universidade Federal de Goiás (UFG) e professora permanente nos Programas de Pós-Graduação da FAFIL (PPGFIL) e Faculdade de Artes Visuais (PPGACV), ambos na UFG. com pesquisas nas áreas de Estética e Filosofia da Arte. Orcid: 0000-0002-9489-2657

movimento, no percurso, na temporalidade, e que convoca o entendimento de que pessoas e seres são coparticipantes da emersão de traços, de figuras e da produção de outros seres ou coisas por meio do ato de grafar (Linke et al, 2020). Tais perspectivas vislumbram potências coletivas que admitem lugares e coisas como vértices, e processos e movimentos como linhas que juntos entrelaçam distintos aspectos da experiência humana. Destas linhas, o fazer as coisas se apresenta como maneira de habitar o mundo e engajar-se nele: da pessoa que grafa à pessoa que indaga o que se grafa/grafou, técnica e tecnologia colocam-se como meios para experimentar e experienciar tais processos, de aproximar formas de habitação distintas ou mesmo, provocar mudanças na habitação contemporânea (Ingold, 2013). Da percepção em campo que envolve movimentos e gestos corporais, seja no alcance territorial, na experiência do fazer ou na documentação de imagens rupestres, seja na captura ou no processamento digital das imagens em laboratório, à exposição pública de seus resultados, percebemos no trabalho mediador da Arqueologia uma complexidade que não está alheia aos procedimentos originados da experiência estética.

A estética é precisamente o campo que combina essas múltiplas formas de abordagem, reunindo cognição, sensação, imaginação, afeto e corporeidade (Roelofs, 2025) na relação que se estabelece com a experiência, na forma de endereçamento recíproca e mediada das imagens captadas, processadas e difundidas. As perspectivas dos povos originários vêm impactando de forma contundente o fazer arqueológico e subvertendo as noções ocidentais de patrimônio, arte e tecnologia, enfatizando a dinâmica, a humanidade, a animalidade e tensionando dicotomias hegemônicas. Neste mesmo caminho, perspectivas afrocentradas se debruçam sobre diferentes questões tradicionais e lançam novas provocações para pensar arqueologia, apontando novas metodologias e conceitos, trazendo relacionalidade, posicionalidade e corporalidade. O entendimento de uma ciência situada, trouxe à baila desejos de novas produções de imagens, novos repertórios, novas narrativas.

Propusemos como tema desse dossiê uma estética da arqueologia como possibilidade de reunir aspectos conflexcluiruentes entre as áreas, porém, respeitando as marcas distintivas de suas funções e finalidades. Visamos, sobretudo, ao mostrar as afinidades, desfazer preconceitos normativos e recorrer à normatividade possível ou à necessária, de forma refletida e responsável.

Esse dossiê tem início com a entrevista de duas grandes referências da Arqueologia e da Antropologia da Arte, André Prous e Lúcia Hussak van Velthem. Os artigos estão dispostos em ordem alfabética. Ao final, contamos com uma tradução.

Na entrevista com Lúcia Hussak van Velthem, Carla Damião aborda a pesquisa da reconhecida antropóloga, indagando sobre as artes, os conhecimentos e as cosmologias dos povos Wayana e Aparai, bem como sobre as relações entre estética, funcionalidade e agência dos objetos. A conversa contempla ainda os desafios da museologia indígena, a importância de práticas de curadoria atentas às sensibilidades cosmológicas e ao protagonismo dos povos indígenas.

Rogério Tobias Junior e Lílian Panachuk contribuem, para este Dossiê, com uma entrevista com o arqueólogo André Prous, evidenciando, através de um diálogo, a sua trajetória profissional no campo da arte rupestre no Brasil e as maneiras pelas quais o contexto brasileiro enfatizou sua abordagem deste fenômeno.

Gabriel Lemes de Souza explorou a arte rupestre como dispositivo de memória por meio da apropriação colonial de grafismos indígenas em São Thomé das Letras/MG. O autor discute as maneiras pelas quais os indígenas Krenak do Rio Doce tratam as pinturas rupestres dos sítios da região e, enfim, apresenta seu entendimento acerca das pinturas rupestres da Lapa das Piabas em Diamantina/MG, tendo a paisagem como enfoque.

Luana Goulart abordou as premissas e argumentos da antropologia como entendida por Philippe Descola por meio de uma análise crítica. A autora analisou as formas como Descola utiliza repertórios filosóficos em sua proposta de uma "Antropologia da Figuração" indagando sobre sua coerência com as grandes questões estéticas e confrontando-as com a perspectiva etnográfica de Silvia Rivera Cusicanqui.

Em seu artigo, Rogério Tobias Junior busca uma alternativa analítica à classificação formal da arte rupestre a partir de uma reorientação teórica e epistemológica. Com base na esquizoanálise Deleuziana, do conceito de duração de Bergson e das marcas observadas em "um veado" pintado na Lapa do Boi de Diamantina/MG, explorou os movimentos empreendidos no fazer a partir das direções dos traços como expressão de processos de diferenciação.

O artigo de Carla Ruschmann investiga as relações entre a arte geométrica pré-histórica e a história da arte, tomando como foco um conjunto de pinturas rupestres da Serra da Capivara que representam grupos humanos. A partir de um modelo de análise baseado na linguagem visual, desenvolvido pela autora para o estudo da arte geométrica contemporânea, o artigo busca aproximar diferentes campos de conhecimento e ampliar as possibilidades de leitura e interpretação dessas imagens rupestres.

A partir de um Tembetá identificado em escavações no sítio GO-CP-16 em Palestina

de Goiás, Sibeli Viana e colaboradores evidenciaram a trajetória de vida deste artefato, em seus processos de apropriação e ressignificação. Para isto, percorrem etnografias de povos originários do Brasil Central, análise tecnológica associada a analogias etnográficas e os processos de musealização aos quais está submetido, acumulando assim camadas de significação que se sobrepõem ao seu arcabouço funcional.

Em seu artigo, Andrei Isnardis busca explorar a relacionalidade entre figuras e painéis rupestres nas regiões de Diamantina/MG e Vale do Peruaçu/MG. O autor apresenta aspectos importantes de interação que, interpretados à luz de filosofias ameríndias levam à consideração de agências em que tanto pinturas quanto pessoas autoras são sujeitos.

Uilder e Tayara Celestino analisam a arte rupestre em sua dimensão estética e epistemológica, compreendendo-a tanto como vestígio arqueológico quanto como acontecimento simbólico que se atualiza no presente.O artigo problematiza leituras que reduzem essas manifestações a aspectos históricos ou técnicos e, com base em experiências pedagógicas no Museu de Arqueologia de Xingó, destaca a mediação sensível e a conservação preventiva como condições para preservar sua presença material, simbólica e formativa.

André Bandeira e colaboradores buscaram compreender relações entre paisagem, corpo e temas representados na arte rupestre da Toca Pequena da Areia, no Parque Nacional Serra da Capivara/PI. O estudo permitiu reclassificar os grafismos do sítio na Tradição Nordeste e concluir, após estudos geofísicos, que o piso ocupacional do sítio não era tão diferente do atual, o que os permitiu explorar as posturas corporais de confecção e observação das figuras.

Tiago Penna aproxima cinema e arte rupestre a partir da experiência estética produzida pelas imagens em movimento, propondo compreender algumas pinturas pré-históricas como uma espécie de “proto-cinema”. Ao enfatizar a representação do movimento e as dimensões artística, pedagógica e terapêutica das imagens rupestres, o autor sugere uma leitura que ultrapassa sua compreensão exclusivamente como pintura.

Os pesquisadores que publicam neste dossiê possuem distintas trajetórias e formações, o que contribui para uma diversificação de abordagens, assim como para o estabelecimento de análises críticas do fenômeno rupestre e de tendências hegemônicas de pesquisa. Nota-se uma convergência nos textos propriamente arqueológico, na consideração de teorias não dominantes, como a fenomenologia e arqueologia da paisagem (Bandeira, *et al*, Souza e Viana *et al*), a esquizoanálise (Tobias Junior) e a Sociologia da Imagem

(Goulart). Tais convergências mostram preocupações e questões de fundo que são similares entre as pesquisas, afastando-se de práticas arqueológicas mais tradicionais.

Por fim, gostaríamos de expressar nossa especial gratidão a Edgar Kanaykõ Xakriabá, que generosamente nos cedeu a série de fotografias intitulada **“**Presente dos Antigos”, cujas imagens, realizadas no Território Indígena Xakriabá, em Peruaçu, Minas Gerais, ilustram com especial pertinência a capa deste dossiê. Agradecemos também aos editores responsáveis pela revista ArteFilosofia, pelo acolhimento e pela confiança na proposta desta publicação, que busca contribuir para a aproximação transdisciplinar entre Arqueologia, Antropologia, Estética e Arte. A Edgar Kanaykõ Xakriabá, a Imaculada Kangussu, a nossos entrevistados Lúcia Hussak van Velthem e André Prous, nossos sinceros agradecimentos pela generosidade e pela parceria que tornaram possível este encontro de saberes e perspectivas.

Carla Damião, Rogério Tobias Junior, Lilian Panachuk e Celina Lage

Editores